

Análise de contos literários à luz da semiótica e perspectiva de ensino

RESUMO

Este trabalho destina-se a analisar o gênero discursivo “conto”, a partir da linha teórica da semiótica francesa, sobretudo com as obras de Fiorin (2011), Barros (2008) e Gomes e Mancini (2007). O objetivo é utilizar o nível mais concreto do percurso gerativo de sentido para discorrer sobre os contos eleitos, o que permite uma leitura mais detalhada de tais textos literários, não realizada segundo a subjetividade, mas de acordo com um caminho metodológico que serve não somente aos textos verbais, tais como o escolhido, porém a quaisquer produções discursivas. Utiliza-se, especificamente, as autoras Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti, para comparar dois contos de temática similar e, assim, com a base tradicional da semiótica greimasiana, evidenciar as semelhanças e distinções a respeito das figuras e temas trabalhados. Quando se pensa na questão do ensino, nota-se que as atividades voltadas ao sujeito da enunciação e à semântica discursiva já permitem aos alunos uma leitura mais acurada de qualquer gênero discursivo, mas, em se tratando dos contos literários, permite observar novas formas de abordar temas diversos, inclusive os do cotidiano, como é o caso da família - tema escolhido para seleção dos contos. Conclui-se que as análises empreendidas fornecem caminhos de leitura que se abrem para possíveis atividades didáticas e que igualmente permitem entender e escapar da ideia de que os textos podem ter infinitas interpretações, já que, pela via da imanência, as leituras já estão inscritas no próprio texto. Para além disso, a manutenção temático-figurativa permite elucidar como uma dada cultura aborda determinados assuntos ideologicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Francesa. Contos. Ensino.

Tiana Andreza Melo Antunes

tiandreza2011@gmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Brasil.

Janaina Tonsica Marcato

Janainam95@hotmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Brasil.

INTRODUÇÃO

Ao se pensar que o trabalho nas salas de aula de língua portuguesa deve compreender, sobretudo, as atividades de leitura e de produção de variados textos, é preciso ter em mente a necessidade, para o professor, de uma ou mais linhas teóricas que o fundamentem. Mais especificamente sobre os textos literários é preciso relembrar, conforme propõem Platão e Fiorin, que “quem escreve um texto literário não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras” (PLATÃO; FIORIN, 2003, p. 361). Os autores apresentam duas dentre outras características importantes aqui evidenciadas: a autocentralidade do texto literário e seu teor intangível, isto é, produtores de textos de literatura utilizam diversos recursos para criar e recriar conteúdos e também não é possível resumir o texto literário a não ser que se queira perder o que é essencial (o modo de dizer os fatos). Destarte, a despeito de outras características e demais tentativas que se deseje realizar para diferenciar os textos literários dos não literários, o que não faz parte de nosso interesse neste momento, é preciso fornecer aos alunos meios de realizar uma interpretação mais atenta ao trabalho com a linguagem e que leve em consideração, principalmente, o caráter estético da literatura e não somente uma caracterização de autores e periodizações literárias, embora sejam aspectos relevantes para um estudo mais completo do fazer literário.

Neste sentido, o presente trabalho dedica-se ao estudo de contos das autoras Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti, utilizando como teoria a semiótica de base francesa e como metodologia a seleção de textos a partir das temáticas dos contos das autoras supracitadas. Para isso, o foco está na observação de sua organização estrutural, com a centralidade do estudo no nível discursivo do percurso gerativo de sentido, a partir, principalmente, das figuras e dos temas presentes nos contos selecionados.

A semiótica francesa entende que, ainda que os textos contemham características peculiares que os distinguem uns dos outros, eles ainda possuem características comuns e estas são analisadas por meio de uma metodologia pautada no percurso gerativo de sentido. É importante considerar a existência do sujeito da enunciação que se caracteriza como “alguém que diz”, é quem dá a voz para o texto e o enunciatário é aquele para quem se destina a fala. A voz que emana do texto não é de pessoas reais ditas de “carne osso”, por isso a funcionalidade da semiótica reside em uma análise mais profunda do texto a partir de sua imanência.

Para a composição deste trabalho, elegeu-se o domínio literário e, mais especificamente, foram escolhidos dois contos: “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles, e “Do tamanho de um irmão”, de Marina Colasanti. O recorte para este artigo inclui uma análise baseada no tema da família, o que permitiu uma posterior comparação entre os textos observando os aspectos similares ou não, dentro do nível discursivo.

Este artigo¹ está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentam-se os pontos centrais da teoria semiótica e uma breve discussão sobre o gênero discursivo eleito; em seguida, parte-se para a análise dos contos; depois, tecem-se breves comentários sobre a questão do ensino; e, por fim, faz-se a conclusão dos estudos aqui empreendidos.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A obra *O que é conto*, de Luiza de Maria (1984), retrata as diversas vertentes que um conto pode ter. O gênero *conto* possuía, em princípio, uma estrutura definida como um texto em prosa que tinha por finalidade contar (narrar) uma estória, “ter o que contar”. Com as modificações que o conto foi sofrendo, observa-se que atualmente ele tem muito mais que a função de contar uma história, e nisso surge a criação do imaginário do autor (ficção) que busca se aproximar do leitor para que este não seja somente um leitor passivo, mas sim que participe da história de maneira ativa. E uma das estratégias utilizadas para essa participação é deixar diferentes possibilidades para os leitores de finalização das histórias, proporcionando certo mistério que incentiva uma abrangência na imaginação. A definição de conto encontrada em Soares (2007) também se mostra relevante, por evocar a concentração em um fato como característica marcante do gênero:

É a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias.

Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo. (SOARES, 2007, p. 54)

A concentração no que é essencial e uma delimitação maior das categorias de tempo e espaço – outras características expostas em Soares (2007) – são, também, elementos importantes para se considerar quando se visa a uma análise semiótica.

Barros (2008), por sua vez, oferece parâmetros de como analisar diferentes tipos de texto, desde os mais simples até os mais complexos, baseando-se em três etapas principais de análise com o viés semiótico. Para cada nível do percurso gerativo - que é o coração da semiótica greimasiana -, há uma semântica e uma sintaxe e um aumento no grau de concretude do nível fundamental, passando pelo narrativo até chegar ao nível discursivo. O nível fundamental contém as categorias mais basilares de um texto como “vida” e “morte” ou “opressão” e “liberdade” e sempre se considera uma delas como elemento positivo (ou eufórico) e o outro negativo (ou disfórico). No nível narrativo, encontram-se os sujeitos e objetos, bem como ocorrem as etapas (expostas ou pressupostas) de manipulação, competência, performance e sanção. O nível discursivo se vale de todos os elementos dos níveis anteriores para expor as relações entre enunciador e enunciatário, bem como os procedimentos semânticos de tematização e figurativização, que constituem o foco do presente trabalho. De modo bem mais detalhado, Gomes e Mancini (2007) explicam os três níveis, como se lê adiante:

(i) Nível discursivo: o nível mais superficial e de maior concretude, onde se situam as estratégias de projeção do sujeito da enunciação, mais especificamente no que tange à projeção das categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo (sintaxe discursiva). Neste mesmo nível,

devem ser enquadradas as relações entre temas e figuras (semântica discursiva) determinadas pela mesma enunciação.

(ii) Nível narrativo: este é um nível mais abstrato, em relação ao primeiro, em que se situa a sintaxe narrativa (base comum do enunciado narrativo). Esta sintaxe prevê uma estruturação mínima que, a princípio, serviria de base para qualquer enunciado e que se baseia nas relações juntivas estabelecidas entre um sujeito e um objeto de valor (o que será mais bem explicado mais abaixo).

(iii) Nível fundamental: nível em que se estabelece o eixo semântico sobre o qual o texto se constrói e em que, através do quadrado semiótico, representa-se graficamente a sintaxe sumária das transformações que ocorrem entre os termos de uma categoria semântica. Tal sintaxe funda-se em relações de contrariedade, contradição e implicação, que são as responsáveis pelas articulações mínimas de uma narrativa. (GOMES, MANCINI, 2007, p. 2)

Dentro do nível discursivo, mais precisamente na semântica deste nível, encontram-se os temas e figuras. Os primeiros correspondem a conceitos abstratos que explicam o funcionamento do mundo; já as figuras compreendem os elementos concretos do mundo natural que revestem os temas. Neste sentido, um texto pode ser considerado temático ou figurativo, a depender do que prevaleça em sua construção, pois, consoante afirma Fiorin: “Todos os textos tematizam o nível narrativo e depois esse nível temático poderá ou não ser figurativizado” (FIORIN, 2011, p. 90). Os textos figurativos, como os contos que optamos por analisar, são aqueles que “criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo.” (FIORIN, 2011, p. 91). Para além disso, é na semântica deste nível que se encontram os caminhos para se entender a ideologia,

pois o conjunto de elementos semânticos habitualmente usados nos discursos de uma dada época constitui uma maneira de ver o mundo numa dada formação social. Esses elementos surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção já foram apagadas. Esses elementos semânticos assimilados por cada homem ao longo de sua educação, constituem a consciência e por conseguinte sua maneira de pensar o mundo. (FIORIN, 1995, p. 19)

A respeito das figuras, é bastante válido afirmar que uma figura desperta o que Greimas (2014, p. 72) chama de “constelação figurativa”, isto é, uma figura se liga a outras figuras dentro de uma organização (a figura “neve”, por exemplo, suscita outras como “frio”, “gelo”, “umidade” etc.). E, de um lado, se pode chegar ao conceito de configuração discursiva, que consiste em um tema bem amplo (“amor”, por exemplo) que só pode ser entendido na comparação de vários discursos; por outro lado, é preciso observar tanto a polissemia de algumas figuras quanto as alterações possíveis na escolha de uma figura ou outra (variantes, portanto) para representar determinado tema. Sobre isto, Greimas assevera:

[...] pode-se dizer que, no caso da pluri-isotopia, uma figura originariamente única dá lugar a desdobramentos de significação que se sobrepõem em um único discurso. Já no caso da plurivariância, a diversificação figurativa, estabilizada e disciplinada pela presença

implícita de um papel único, não impede a busca de uma significação comparável, senão idêntica, nos vários discursos manifestados. (GREIMAS, 2014, p. 75)

O estudo sobre o sujeito da enunciação, por seu turno, evoca as projeções em primeira ou terceira pessoa e os efeitos de sentido que isso provoca: a subjetividade ou a objetividade, respectivamente. É importante frisar que o sujeito da enunciação divide-se em três: o “eu” pressuposto, que é o enunciador; o “eu” projetado, narrador; o personagem, chamado interlocutor. Émile Benveniste já afirmara que “*eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*.” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Logo, há os desdobramentos de enunciatário, narratário e interlocutário. A respeito especificamente do narrador, não apenas não se deve confundi-lo com o autor, como também verificar atentamente sua importância nos discursos, bem como o direcionamento dado ao ponto de vista. Assim,

O narrador relata a partir de um ponto de vista, focaliza o que está sendo narrado de uma determinada maneira. O ponto de vista é, pois, a maneira como são vistos os acontecimentos que estão sendo contados, a compreensão que se tem deles numa determinada altura da narração, o que se sabe ou se conhece dos fatos que ocorrem num determinado momento. (PLATÃO; FIORIN, 2003, p. 177)

Há também que se considerar como o enunciador tece as tramas de seu discurso a fim de convencer seu enunciatário do que diz, isto é, estudar os processos argumentativos e a construção de um “dizer verdadeiro” (BARROS, 2008). Desse modo, traz-se à luz as estratégias distintas do enunciador, como, por exemplo, nos textos de jornal inserem-se dados específicos sobre os sujeitos (nome, idade, localização e data, dentre outros) para gerar a crença no que se diz. Um dos fatos mais importantes no estudo da enunciação é não considerar os seres reais que produzem os textos:

[...] quando falamos de sujeito da enunciação na semiótica – seja pela perspectiva do enunciador seja pela do enunciatário – estamos nos referindo a uma voz que emana do texto e não a pessoas reais. Uma ilustração rápida deste argumento é o fato de que todo texto infantil, por exemplo, carrega em si as marcas que nos indicam que seu enunciatário é uma criança, independentemente de sabermos ou não os dados biográficos ou anedotas circunstanciais que envolvem a obra. (GOMES, MANCINI, 2007, p. 2)

Por fim, é válido lembrar a essência da semiótica discursiva, teoria que se propõe a estar sempre em construção:

Concebe-se como uma teoria gerativa, sintagmática e geral. É uma teoria sintagmática, porque seu escopo é estudar a produção e a interpretação dos textos. É geral, porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação. (FIORIN, 1995, p. 166).

Vale corroborar que a semiótica destina-se a estudar quaisquer textos, sejam eles verbais, visuais ou sincréticos, pois, consoante afirma Fiorin “dizer que a

narratologia formulada pela Semiótica é uma camisa de força ou que não se aplica a textos da literatura mais moderna é desconhecer os princípios dessa teoria narrativa.” (FIORIN, 1995, p. 170). Assim, fica claro que o recorte analítico feito neste trabalho pode tanto ser aprofundado (se se considerasse uma leitura detalhada de cada nível do percurso gerativo, o que não é nosso objetivo) quanto ser aplicado a outros contos.

2. OS CONTOS EM UMA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA FRANCESA

Conforme expusemos na introdução deste trabalho, esta seção se dedica a analisar dois contos, a saber: “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles e “Do tamanho de um irmão”, de Marina Colasanti. A análise compreende um resumo dos principais momentos de ambos os textos, a fim de que o leitor que não os conhece possa, também, compreender como o narrador de cada conto faz a seleção e condução dos fatos, e, após tal apresentação, tecem-se ideias a respeito da escolha temático-figurativa.

O conto “Natal na Barca”, de Ligia Fagundes Telles, retrata uma viagem em uma barca na noite de Natal, transportando quatro passageiros (o velho, a mulher, a criança e o narrador) com histórias de vida diferentes. De modo geral, o velho era um bêbado que tinha um amigo imaginário com quem conversava durante a viagem, já a mulher trazia um filho doente para realizar seu tratamento e durante a viagem veio conversando com outra figura feminina, que era o narrador figurativizado em uma viajante. Eis o início do conto:

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu. (TELLES, 2004, p. 107)

Dentre as diversas características encontradas no texto de Telles, ressalta-se a forma como o texto é narrado em primeira pessoa. Esse narrador, por meio de uma perspectiva subjetiva, é figurativizado como um passageiro da barca, que, no contexto, é uma mulher - o que se comprova por meio do vocativo “dona” em uma das falas da mãe da criança: “tenho fé, dona” (TELLES, 2004, p. 110). O narrador ainda delega voz a dois interlocutores: a mãe e ele mesmo. Como uma das funções do narrador é “atestar a veracidade dos fatos relatados, o grau de precisão de suas lembranças ou os sentimentos que nele desperta um episódio” (PLATÃO; FIORIN, 2003, p. 176), percebe-se que é por esse olhar de uma passageira da barca que temos acesso às ações dos demais personagens e como estas ações afetam sua maneira de estar no mundo.

Destaca-se, principalmente, a trajetória percorrida pela barca, que acompanha a mudança na perspectiva do narrador. Se, no início, a barca é apresentada em ambiente de escuridão: “só sei que em redor tudo era silêncio e treva” e “Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos, deslizando pela escuridão” (TELLES, 2004, p. 107); no último trecho do conto, o narrador afirma: “Duas vezes ainda voltei para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.” (TELLES, 2004, p. 112)

É interessante destacar que a narrativa desenvolve-se em uma noite de Natal, e vincula-se a temática religiosa ao comportamento de fé inabalável da passageira da barca (a mulher com um bebê doente no colo, para quem esperava a cura), que declara “só sei que Deus não vai me abandonar” (TELLES, 2004, p. 108). E a conversa, ao desenrolar-se entre o narrador e a mãe, apresenta uma sequência de eventos negativos ocorridos com a mulher “jovem e pálida” que carregava seu bebê adoecido.

- É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! A queda não foi grande o muro não era tão alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos. (TELLES, 2004, p. 109)

A perda de seu primeiro filho e a doença do segundo, além da traição e abandono do marido não abatem, na perspectiva do narrador, a fé da mãe. Mas a percepção do narrador diante da triste história da mulher, o mantém, a princípio, resistente à manutenção de sua solidão.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços - os tais laços humanos - já ameaçavam me envolver. Consequira evitá-los até aquele instante. Mas agora não tinha força para rompê-los. (TELLES, 2004, p. 109)

Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido e ainda via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Intocável. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos e aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma obscura irritação me fez sorrir.

A senhora é conformada.

Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou. (TELLES, 2004, p. 110)

O narrador surpreende-se com a fé inabalável da mãe quanto à possível cura da doença do menino com pouco menos de um ano e, diante do questionamento sobre sua própria crença ou não em Deus, começa a compreender tamanha confiança:

- A senhora não acredita em Deus?

- Acredito - murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por que, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela confiança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas... (TELLES, 2004, p. 110)

E logo após a mulher contar a narrativa de um sonho em que o filho de quatro anos brincava com Jesus no paraíso, ratifica-se seu consolo pela perda e a conseqüente esperança na cura do mais novo. O conto, então, volve-se para a decepção do narrador:

Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei o olhar para o chão. O menino estava morto.

Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto. (TELLES, 2004, p. 111)

O desconforto vivido pelo narrador (repare-se na tripla repetição na citação anterior da morte da criança) logo se dissipa com a constatação da própria mãe de que a criança acordara sem febre:

Inclinei-me. A criança abriu os olhos – aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face de novo corada. Fiquei olhando sem conseguir falar. (TELLES, 2004, p. 111)

O conto se finda, com um desejo de bom Natal proferido pela mãe e a saída de todos os passageiros da barca, restando apenas o narrador a contemplar o rio, que agora imagina ser “verde e quente”.

Por sua vez, o conto denominado “Do tamanho de um irmão” narra a história de dois irmãos órfãos, um pequeno e um maior, e este retinha para si a realização de todas as atividades necessárias para a sobrevivência de ambos, sem descuidar de seu irmão menor:

Na verdade, tão pequeno era o outro, cabendo na palma de sua mão, que o mais velho achava natural tomar para si todas as tarefas. Embora sem nunca descuidar-se do irmão delicado e único em seu minúsculo tamanho. (COLASANTI, 2015, p. 200)

Os dois irmãos tinham o desejo de ver e conhecer o que havia por trás das montanhas. E, a partir da ampliação de tal desejo pelas muitas histórias imaginadas pelos órfãos, já que “a noite foi ficando melhor que o dia, a imaginação mais sedutora que a realidade” (COLASANTI, 2015, p. 200), em uma oportunidade os dois decidem atravessar as montanhas, o que gera medo e insegurança ao viver algo novo pelo irmão maior, em contraposição com a demonstração de segurança e força de proteção do irmão pequeno. O irmão maior, que antes estava em conjunção com o valor força, torna-se frágil e as aventuras, antes apenas imaginadas enquanto conversavam diante do fogo à noite, agora poderiam ser experimentadas.

Nada faltava aos dois irmãos. Mas, à noite, sentados diante do fogo relembavam o passado, quando os pais ainda eram vivos. E a casa ao redor parecia encher-se de vazio. Então, quase sem perceber, começavam a falar de um mundo para lá das montanhas, perguntando-se como seria, se teria gente, e pondo-se a inventar o que essa gente faria. (COLASANTI, 2015, p. 200)

Dentre as características encontradas na produção textual de Marina Colasanti, uma das mais importantes é que o texto é narrado em terceira pessoa e o narrador apenas expõe a narrativa dos dois irmãos órfãos objetivados a explorar um novo espaço. O único momento em que se dá voz a um interlocutor é a pergunta que muda a vida de ambos os meninos, quando o irmão menor questiona: “- Por que não vamos lá?” (COLASANTI, 2015, p. 201). Depois de algumas adversidades proporcionadas pela aventura, finalmente o topo da montanha é encontrado:

Tanto subiram que um dia, de repente, não houve mais o que subir. Tinham chegado na crista da montanha. E, de cima, extasiados, olharam afinal o outro lado do mundo.

Era bonito o outro lado. Tão pequeno, na distância. Todo arrumado. As encostas desciam suaves até os vales, e os vales, plantados em hortas e campos eram pintalgados de aldeias, casinhas e umas pessoinhas que, ao longe, se moviam. (COLASANTI, 2015, p. 201)

Com essa travessia exploratória, há uma quebra de expectativa para o enunciatário: em vez de o irmão maior permanecer como protetor, este começa a sentir medo, enquanto seu irmão pequeno sente-se forte e confiante, à medida que a viagem ocorre. O mundo, que à distância parecia pequeno, revela-se como verdadeiramente um local com habitantes do tamanho do irmão menor, e o grande agora é representado por um “frágil gigante” (COLASANTI, 2015, p. 202), uma vez que, após a travessia, os dois irmãos encontraram muitas pessoas pequeninas como o irmão menor:

Então viu que este, tendo falado com as pessoas da casa, voltava até ele estendendo-lhe a mão. O irmão, que sempre lhe parecia tão frágil, o chamava agora com doce firmeza. E ele inclinou-se até tocar a mãozinha, deixando-se conduzir a gente da aldeia, frágil gigante que nesse mundo se tornava único. (COLASANTI, 2015, p.202)

Esta narrativa possui como maior preocupação abordar a trajetória até o outro lado da montanha, onde os contextos entre as posições dos irmãos se invertem. O narrador parte da rotina vivida na praia deserta, lugar de harmonia para os dois irmãos, na qual relembram o passado quando viviam com os pais (COLASANTI, 2015), para uma aldeia em que apenas o irmão maior se torna o diferente e, portanto, frágil.

Relacionando-se os dois contos, ambos têm em sua essência o tema da família, além de apresentar a solidão e a morte. Observa-se que no texto “Do tamanho de um irmão” o tema família ocorre na relação de parentesco de primeiro grau entre os dois irmãos; e a solidão (a morte está a ela vinculada) é vista na ausência dos pais, uma vez que eram órfãos. O texto “Natal na barca” aborda conjuntamente essa temática familiar, com a mulher que viajava na barca para a cidade com seu filho muito doente, já tendo perdido o marido e outro filho criança. A solidão, a princípio, é vista como algo positivo pelo narrador, mas a aproximação com o humano (os sofrimentos da mãe do bebê) tornam a “escuridão” da noite e das águas do rio em um “verde e quente” e a morte (figurativizada no silêncio dos quatro passageiros no princípio da narrativa) transforma-se em esperança de vida (a criança livra-se da febre e o velho retoma sua conversa com o amigo imaginário).

O tema da família, apresenta-se em ambos os contos pelo viés parental, seja na proteção e cuidado da mãe com seu bebê doente, seja pela proteção do irmão maior com o menor, a quem colocava no alforje de couro enquanto iam caçar. No conto de Telles, é a perspectiva do narrador que é transformada; no de Colasanti, ambos os irmãos passam a experimentar novas formas de estar no mundo, embora ao maior caiba a desestabilização com a descoberta de um novo espaço, no qual apenas ele se torna “único” pelo tamanho que possui. Pode-se afirmar que, em ambos os contos, há uma oposição basilar entre “conservação” e “mudança”: na narrativa de Colasanti, há o conforto do espaço geográfico em que ambos os

meninos vivem para o abandono dessa estabilidade (em função da curiosidade de conhecer o mundo, um *querer saber*) e a conseqüente mudança para a localidade além das montanhas; na narrativa de Telles, há o conforto gerado pela solidão, pela ausência de “lembranças” e “piedade”, que chega até a fase de mudança do narrador – igualmente motivado por um *querer saber* a respeito da história da mulher com o filho adoentado – ao ser gerada uma sensibilização com o triste e esperançoso relato dessa mãe.

É interessante notar, por exemplo, as figuras de “irmão maior” e “irmão menor” em que o tamanho é, em princípio, indício de competência dos sujeitos para proteger e ser protegido (grandes protegem os pequenos). Ainda em relação a esse tema, a figura de mãe como ser protetor surge no conto de Telles, reforçada pela ideia de resignação e fé. Em Antunes (2016), ao tratar da paixão do amor parental, o tema da proteção apareceu recorrentemente quando os textos tratavam das figuras de mães ou pais, pois conforme aponta: “não é de se admirar que esteja adequada [tal paixão] ao previsto, sobretudo no que concerne ao amor familiar, em que a dependência, de um lado, e a proteção, do outro são temas [...] que movem os sujeitos a se comportarem de modo similar” (ANTUNES, 2016, p. 135). Ambos os contos provam, neste sentido, a ideia de que estudar os temas e figuras remete ao entendimento da ideologia dos textos e, mais ainda, de que ao atravessar diversas produções textuais se poderia chegar ao entendimento de como funciona o pensamento cultural de um grupo, neste caso, como devem se organizar ou como são os papéis admitidos por cada sujeito nas relações familiares.

Cabe ainda dizer que a pouca descrição dos personagens em ambos os contos, sobretudo a ausência de nomes próprios, leva a uma leitura menos fechada, o que torna tais textos interessantes para o trabalho em sala de aula, consoante se propõe na seção a seguir.

3. BREVES REFLEXÕES SOBRE OS CONTOS E O ENSINO

Ao fazer a leitura de documentos oficiais que tratam do ensino de língua portuguesa, observa-se que o texto se tornou elemento central nas aulas há mais de duas décadas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mantém esse viés de uso dos diversos gêneros textuais, com um caráter mais diretivo e menos teórico do que os Parâmetros Curriculares Nacionais. A despeito de possíveis críticas que ambos os documentos possam sofrer, é imprescindível que os docentes da área de linguagens tenham o aparato de uma ou mais linhas teóricas de texto e discurso, como é o caso da semiótica francesa, usada no presente trabalho. Assim,

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de

diferentes esferas/campos de atividades humanas. (BRASIL, 2018, p. 67)

No caso do trabalho em sala de aula a partir do estudo do nível discursivo da semiótica greimasiana, pode-se sugerir que os professores partam da comparação aqui apresentada dos contos de Telles e Colasanti, mas também selecionem novos textos para manutenção da temática da família, a fim de mostrar as diferentes composições temático-figurativas. Desse modo, verificar se e como o tema da proteção ocorre nos textos eleitos, bem como identificar se há um viés ideológico para as figuras de mãe, pai, irmãos e outras que possam ser suscitadas para tratar das muitas relações que ocorrem no seio familiar. Neste sentido, se pode usar o viés da polissemia de certas figuras que nos referimos anteriormente (GREIMAS, 2014), para confrontar discursos distintos e também aprofundar a leitura dos alunos em cada texto.

Entende-se que não necessariamente o gênero discursivo conto serve a esse propósito, porém, já que se trata do foco desta análise, é preciso sempre retomar o trabalho com a linguagem verbal do ponto de vista artístico, o que se faz, por exemplo, pela seleção e entendimento das figuras de retórica selecionadas pelo enunciador. Trata-se de uma tarefa interessante tecer o viés do enunciador pela leitura de alguns contos do mesmo autor, pois ao ler um único conto tem-se apenas a imagem do narrador e não se consegue chegar à recorrência de escolhas e o caminho trilhado pelo enunciador Marina Colasanti ou Lygia Fagundes Telles, por exemplo. É claro que esse exercício comparativo permite operar com a intertextualidade, bem como relembrar a tríade basilar dos gêneros discursivos propostas por Bakhtin, a saber, forma, conteúdo e estilo – elementos significativos que precedem, inclusive, a escolha teórica sobre discurso que o docente possa realizar. Nessa esteira, entram outros gêneros como os minicontos, facilmente encontrados no ambiente on-line, dentre as sugestões como a que se segue:

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (*slams*, vídeos de diferentes tipos, *playlists* comentadas, *raps* e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, *best-sellers*, literaturas juvenis brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil. (BRASIL, 2018, p. 524)

Nosso propósito no presente artigo não é discutir tudo que envolve o trabalho com o gênero conto em sala de aula, até porque o professor poderá encontrar diretrizes tais como as dadas acima tanto para escolher os gêneros com os quais pode trabalhar quanto para quais atividades podem ser feitas. A ideia central é a de utilização de um caminho metodológico que permita ler diversos textos de maneira organizada (como se propõe no percurso gerativo de sentido) e que se desperte nos estudantes um olhar mais aguçado para as escolhas enunciativas e para o modo como as formas de ver o mundo perpassam textos de uma determinada época. Conforme afirmam Fiorin e Platão (1995), é possível verificar em cada época um discurso dominante e outros, em menor proporção, que a ele se dirigem como voz contrária.

CONCLUSÃO

No presente artigo, buscou-se utilizar de um dos componentes de análise advindos da semiótica de base francesa, a saber, os temas e figuras do nível discursivo, para delinear uma possível leitura de dois contos de Lygia Telles e Marina Colasanti. A partir da comparação entre os contos, se pôde notar como conhecer o nível mais concreto da produção de sentido já traz para a interpretação contribuições valiosas, inclusive por se perceber a coerência de um texto também pela seleção adequada de figuras para abordar um tema (PLATÃO, FIORIN, 1995). No caso da ideia de família, são as figuras de mãe, filhos e irmãos que mantêm a coerência dos contos estudados; além disso, a categoria de espaço se mostra importante, pois é na trajetória (seja da barca no rio, seja no atravessar as montanhas) que se dá a mudança dos sujeitos.

Anseia-se que, a partir do pequeno recorte feito neste trabalho, a teoria semiótica seja encarada como fornecedora de caminhos que fundamentam as aulas de leitura no ensino básico, bem como o desenrolar de pesquisas que permitem entender como se estruturam os textos, sejam eles apenas verbais (como é o caso dos contos escolhidos aqui), visuais ou sincréticos. E já que os documentos oficiais levam ao uso de muitos gêneros discursivos, a indicação de uma teoria que sumarie os caminhos de construção e de análise é de grande valia para os docentes de língua portuguesa.

Analysis of short stories through semiotics and learning perspective

ABSTRACT

This work aims to analyze the discursive genre "story", from the theoretical line of French semiotics, especially with the works of Fiorin (2011), Barros (2008) and Gomes and Mancini (2007). The objective is to use the most concrete level of the generative path of meaning to discuss the chosen tales, which allows a more detailed reading of such literary texts, not carried out according to subjectivity, but according to a methodological path that serves not only the verbal texts, such as the chosen one, but to any discursive productions. Specifically, the authors Lygia Fagundes Telles and Marina Colasanti are used to compare two short stories with a similar theme and, thus, with the traditional basis of Greimasian semiotics, to highlight the similarities and distinctions regarding the figures and themes worked. When thinking about the issue of teaching, it is noted that activities aimed at the subject of enunciation and discursive semantics already allow students to have a more accurate reading of any discursive genre, but, in the case of literary tales, it allows them to observe new forms of approach different themes, including everyday ones, such as the family - theme chosen for the selection of the stories. It is concluded that the analyzes undertaken provide reading paths that open up to possible didactic activities and that also allow us to understand and escape the idea that texts can have infinite interpretations, since, through immanence, the readings are already inscribed in the text itself. Furthermore, the thematic-figurative maintenance allows to elucidate how a given culture approaches certain subjects ideologically.

KEYWORDS: French Semiotics. Tales. Teaching.

NOTAS

1 - O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/MEC - Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, T. A. M. **Estados de alma e suplementos televisivos**: uma análise semiótica. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- BARROS, D. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2008.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5 ed. Campinas - SP, Pontes Editores, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- COLASANTI, M. Do tamanho de um irmão. In: COLASANTI, M. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo, 2015. p. 200-202.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIN, J. L. **Enunciação e semiótica**. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11924/7345>. Acesso em 07 de set.2021.
- FIORIN, J. L. **A noção de texto na semiótica**. São Paulo, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29370/18060>. Acesso em 07 de set.2021.
- GOMES, R. S.; MANCINI, R. Textos midiáticos: uma introdução à semiótica discursiva. In: **IX Fórum de Estudos Linguísticos: Língua Portuguesa, Educação e Mudança / I Colóquio de Semiótica: Mundos Semióticos Possíveis**, 2007, Rio de Janeiro. Atas do IX FELIN, 2007. v. 1. p. 1-15. Disponível em: <http://filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/66.pdf>. Acesso em 19 de set. 2021.
- GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. 1 ed. São Paulo: Nankin, Edusp, 2014.
- MARIA, L. de. **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1995.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2007.

TELLES, L. F. Natal na barca. In: TELLES, L. F. **Antologia meus contos favoritos**. Rio de Janeiro. Rocco, 2004. p. 107-112.

Recebido: 06 fev. 2022

Aprovado: 7 out. 2023

DOI: 10.3895/rl.v25n47.15161

Como citar: ANTUNES, Tiana Andreza Melo. MARCATO, Janaína Tonsica. Análise de contos literários à luz da semiótica e perspectiva de ensino. *R. Letras*, Curitiba, v. 25, n. 47, p. 15-30, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

